

O povo do lago - O homem: suas origens, natureza e futuro.

Richard E. Leakey e Roger Lewin. Tradução de Nilce Galanti e Revisão Técnica de Lúcia H.S. de Melo. Editora da UnB: Brasília, 1988. 257 páginas.

A obra de Leakey e Lewin é bastante interessante e revela uma importante visão sobre comportamento e evolução da espécie humana. Logo no início do livro, o leitor é brindado com uma seqüência bonita de fotos em preto e branco da restinga de Koobi Fora, do acampamento às margens do Lago Turkana e das atividades rotineiras da equipe de trabalho. As condições de trabalho dos "caçadores de fósseis" são árduas e, muito freqüentemente, os trabalhos são conduzidos em campo aberto sob uma temperatura oscilante de 46 graus. Leakey foi o descobridor do importante sítio arqueológico de Koobi Fora, no Quênia, e Lewin é editor científico de **New Scientist** e colaborador de Leakey em alguns trabalhos.

A probabilidade de se achar um fóssil, arquivo do passado, por ensaio e erro é praticamente nula, de forma que uma busca deve levar em consideração as características do solo, movimento da terra, formação de camadas de sedimentos, atividades vulcânicas, etc. Um organismo, logo assim que morre, pode sofrer a ação de um carniceiro, como aconteceu com o famoso 1470 - nome pouco inspirado para um **Homo habilis** que viveu há cerca de 2 milhões de anos - em que podem ser vistas marcas de dentes na superfície de seu cérebro. Algumas vezes, uma descoberta importante, como o bebê de Taung, pode ser visto como um amontoado de ossos sem significado algum aos olhos de um não-especialista.

Em outras partes do livro, ficamos sabendo como Lucy, ou 40% de um esqueleto de um hominídeo, foi descoberta. O formato de sua pelve sugeria que ela era uma fêmea e os seus dentes

mostravam claramente que ela não era criança. Don Johnson, o autor da importante descoberta, classificou Lucy como sendo **Australopithecus afarensis**, segundo ele o precursor de todos os hominídeos posteriores. A escolha do nome ocorreu quando, após um dia inteiro de trabalho, a equipe se reuniu e, quando estavam discutindo a descoberta, alguém colocou no gravador a fita de **Lucy in the Sky with Diamonds**, dos Beatles, e logo alguém disse: "vamos chamá-la de Lucy".

Os autores discutem o conceito de **cultura osteodontoquerática**, de Raymond Dart, para explicar porque algumas peças do esqueleto são encontradas com mais facilidade do que outras. Segundo Dart, os ossos de um morto poderiam ter alguma utilidade para seus parentes. Assim sendo, vértebras caudais poderiam ser utilizadas como projéteis, fêmures e tíbias (ossos da perna) seriam também pouco comuns pois poderiam ser utilizadas como pesados bordões fora da gruta. Por outro lado, úmeros (ossos superiores dos braços) seriam mais comuns, pois seriam utilizados como clavas pelas mulheres e crianças dentro da gruta. Leakey e Lewin discutem esta idéia e mostram que algumas peças do esqueleto são mais facilmente encontradas devido à sua resistência à degradação. Com efeito, "se um crânio rola para dentro de uma caverna, ele fica coberto uniformemente de pó e pedras e, naturalmente, de outros ossos. E à medida em que o peso do pó e das pedras que cobrem o crânio aumenta, este começa a ficar distorcido, a menos que cavidade vazia se encha rapidamente de algum pó capaz de endurecer posteriormente como um cimento, de modo a oferecer ao osso algum suporte. A maioria dos crânios fica distorcida e muitos podem ter rochas compactadas em seu interior pelo desvio do material dos depósitos existentes. Se a caverna desabar e os depósitos forem expostos à erosão, o osso, agora fossilizado, torna-se mais uma vez vulnerável a estragos" (pág. 240).

Para os autores, "os dentes não mentem" e um estudo pormenorizado de sua anatomia pode informar se o organismo é herbívoro ou carnívoro, sua idade, espécie, etc. Contudo, ao falar de dentes, os autores cometem um equívoco no momento em que ima

O POVO DO LAGO

ginam que os dentes dos babuínos funcionam como estímulos-sinais, tal como a cauda do pavão ou a galhada elaborada do veado, envolvidos diretamente com o sucesso sexual do animal. Os caninos dos babuínos são utilizados durante uma interação agonística (exibições de ameaça ou lutas) com um conspecífico, predação de animais de pequeno porte ou defesa contra predadores. Os caninos dos babuínos contribuem indiretamente para o sucesso do acasalamento, na medida em que um animal mais forte sobrepuja um outro, mas não podem ser comparados com a cauda do pavão.

O livro é muito interessante. Mas alguns problemas devem ser apontados. Na página 99, o leitor fica desorientado ao se deparar com alguns nomes estranhos que não foram traduzidos. Como efeito, se ele não tiver algum conhecimento de zoologia, ele fica sem saber o que vem a ser gemsbok, steenbok, kori bustard, eland de Derby, hartebeest e coisas do gênero. Os nomes científicos destes animais vêm logo atrás dos nomes comuns, de forma que uma simples consulta a um especialista ou um livro especializado poderia esclarecer à tradutora que, por exemplo, gemsbok (*Orix capensis*) é uma espécie de antílope e tommy (*Gazella thomsoni*) uma espécie de gazela. O problema se torna mais grave se considerarmos que a tradução que a tradução teve uma revisão técnica, feita por uma outra pessoa.

Os autores cometem uma enorme injustiça para com os Yanomamis, povo da Amazônia, ao fazer uma análise da estrutura social das comunidades que vivem da caça e coleta. Com o intuito de discutir este tópico, os autores utilizam a descrição do antropólogo americano Napoleon Chagnon que diz: "... uma dúzia de homens corpulentos, nus, imundos e horripilantes, encarando-nos sob os cabos de suas flechas apontadas para nós! Rolos de fumo verde estavam enfiados entre seus dentes inferiores e seus lábios, dando-lhes uma aparência ainda mais horripilante, e tiras de uma substância viscosa verde-escura pingavam ou escorriam de seus narizes..." (pág. 91). Os yanomamis foram descritos como "povo feroz" e "imundos" por Chagnon e os autores parecem concordar com a descrição no momento em que não utilizam dados antropológicos atuais, quando perdem a opor

tunidade de criticar a flagrante visão etnocêntrica e preconceituosa de Chagnon ou quando afirma que os nativos (Yanomamis e !Kungs) "não cultivam nada, exceto, talvez, a ociosidade" (pág. 92).

Problema semelhante ocorre quando a tradutora, no intuito de melhor esclarecer sobre o orgulhoso e elegante povo !Kung, lança uma nota em que diz que este utiliza a linguagem do estalido e que, para emitir o estalido dental The/, forçam a língua contra a parte de trás dos dentes frontais superiores e "então retira-se a língua com força, o que gera um som desagradável de 'tsk'" (pág. 92). Um comentário de um tradutor pode esclarecer acerca de um ponto obscuro do texto do autor, mas dizer que a linguagem do estalido gera um "som desagradável" não é correto e reflete um descuido com a linguagem. Os Yanomamis e os !Kungs são povos sofisticados e inteiramente adaptados aos seus estilos de vidas. Com efeito, um diálogo de Melvin Konner com um !Kung, que ocorreu durante uma caçada a um antílope, revela muito da sabedoria dos povos nativos: "no caminho encontraram o rasto de um gemsbok (**Orix capensis**) e o !Kung achou que era o que deixara naquela manhã. Seguiram a pista durante quase 20 minutos, quando, de repente, o !Kung abandonou a caçada, dizendo que de fato aquele animal havia passado por ali na noite anterior e não de manhã" (pág. 106). Sem saber como o !Kung havia chegado a essa conclusão, Konner pediu uma explicação e lhe foi explicado que o rasto de um rato estava sobreposto ao rasto de **O. capensis** e que, como o rato é um animal noturno, ele só poderia ter deixado a sua marca sobreposto ao rasto de **O. capensis** na noite anterior, logo este último havia deixado suas marcas no solo há mais tempo do que se imaginava!

O povo do lago é um livro interessante e foi escrito de forma a despertar a curiosidade de várias pessoas. Apesar de alguns equívocos dos autores e da tradutora, ausência de referências bibliográficas, a obra pode ser lida com bastante prazer.

Rogério F. Guerra
Departamento de Psicologia
Universidade Federal de Santa Catarina